

## A armadilha da equivalência: A produção cultural africana e os sistemas de conhecimento coloniais

Jean Kamba, Kinshasa, 2025<sup>1</sup>

A questão do «valor cultural» e «estético»<sup>2</sup>, bem como das propriedades científicas atribuídas a certos conceitos culturais e criações artísticas, de origem funcional da África pré-colonial e colonial, ainda não foi superada. Os estatutos patrimoniais culturais e o prestígio comercial que adquiriram alimentaram, durante séculos, grande parte das ciências humanas. No entanto, a questão relativa às propriedades estritamente científicas<sup>3</sup>, e ao «valor científico e tecnológico» por cima disso, que permite perceber uma certa inteligibilidade e cientificidade que presidiu às suas concepções e criação, não foi frequentemente destacada com grande interesse. Em vez disso, os aspetos espiritualistas e «animistas» que rodeiam o seu funcionamento na sociedade dita «primitiva» têm, na maioria das vezes, despertado o interesse dos olhares exóticos que alimentam a maior parte das ciências coloniais. Podemos citar, em geral, as esculturas (máscaras e estatuária), «fetiches» ou não; tecelagens e outros objetos de uso quotidiano produzidos através de métodos e técnicas perfeitamente dominados pelos guardiões das tradições, partindo da teoria para a prática. A arte ocidental, desde o início do século XX, inspirou-se fortemente nisso, daí o «modernismo primitivista»<sup>4</sup> com Picasso, Braque, etc.

Antes de adquirirem o estatuto de objeto ou de obra de arte, dotados de «propriedades estéticas» específicas, os objetos desta categoria eram geralmente vistos simplesmente como artefactos primitivos ou relíquias que testemunhavam sociedades sem contacto com a «modernidade» ocidental. Foi, portanto, necessário «civilizar» essas sociedades; daí a «missão civilizadora» que o Ocidente se atribuiu através das conquistas, das ocupações e da colonização.

A colonialidade designa «a articulação planetária de um sistema de poder ocidental que sobreviveu ao colonialismo e que assenta na inferiorização de lugares, grupos humanos, saberes e subjetividades não ocidentais, e na exploração de recursos e forças vivas»<sup>5</sup>. Caracteriza a maioria dos estudos dedicados ao que aqui designamos por «tutela de nomeação»<sup>6</sup>.

Nesta perspetiva, a epistemologia ocidental prevalece, em termos de materiais científicos e critérios de avaliação, alimentando-se das ideias estabelecidas pela museografia etnográfica «ocidental»<sup>7</sup>, cujas origens remontam ao século XVIII. Este processo de museificação desempenhou, portanto, um papel importante na cristalização deste olhar constituído por simplificações nas avaliações do outro e das suas práticas.

---

<sup>1</sup> Publicado no: *ARTS OF THE WORKING CLASS*, No 39, p.23/26. Jean Kamba dirige *Krithika ArtProjects.com* (Kinshasa)

<sup>2</sup> Ver Van Beurden, Congo en vitrine, Art africain, muséologie et politique, Les musées de Kinshasa et de Tervuren, coll. «Studies in Social Sciences and Humanities», vol. 180. Tervuren: MRAC, p. 25, 2021

<sup>3</sup> Ver a cosmogonia Dogon (a estrela Sirius b), as características das tabuletas memoriais Luba chamadas Lukasa, os elementos estritamente matemáticos e informáticos presentes nos tapetes Kuba, a matemática no bastão de Ishango, a fabricação e o funcionamento dos Nkisi Nkondi, a metalurgia na fabricação das cruzes de cobre no Katanga, os sistemas ancestrais de «educação/iniciação» Mukanda e Ukule, etc.

<sup>4</sup> Van Beurden, *Ibidem*. p.128

<sup>5</sup> Rachel Solomon Tsehaye et Henri Vieille-Grosjean, « Colonialité et occidentalocentrisme : quels enjeux pour la production des savoirs ? », *Recherches en éducation*, 32, 2018.

<sup>6</sup> Inspiramo-nos no conceito de «tutela cultural», desenvolvido por Sarah Van Beurden, que ela atribuiu ao colonialismo no Congo. Ver op. cit., p. 25

<sup>7</sup> Segundo Jean Baudrillard, em *O espelho da produção*, citado por MUDIMBE Valentin-Yves: « *A cultura ocidental foi a primeira a refletir-se como crítica (a partir do século XVIII), mas o efeito dessa crise foi que ela também se refletiu como cultura no universal, e foi então que ela introduziu no seu museu todas as outras culturas sob a forma de vestígios à sua imagem. Ela «estetizou-as» a todas, reinterpretou-as segundo o seu próprio modelo e, assim, conjurou o questionamento radical que essas culturas «diferentes» implicavam para ela.* Ver MUDIMBE Valentin-Yves, *L'odeur du père*, Présence africaine, Paris, 1982, p. 45



Fig. 1. Diane Cescutti, sobre «fibril and vivid memory: From hard to soft connectivity» no ISAM (Institut Supérieur des Arts et de Métiers); organizado em colaboração com o Centro de Arte Waza (Lubumbashi) e o Humboldt Forum (Berlim); foto: Nathan Bushiru ©South to South.

Esta ação de metamorfose identitária, de transformação ou de variação de estatuto, que permite o acesso a uma outra posição um pouco mais valorizante, ou o contrário, é uma espécie de «deslizamento ontológico»<sup>8</sup>, que favorece uma mutação na perceção em relação a essas realizações e conceitos, ao mesmo tempo que institui, por imposição tácita, uma «mudança epistemológica»<sup>9</sup>. E, no âmbito do projeto South-to-South:

[Trata-se de um] encontro sobre tecnologias africanas e da diáspora africana que reúne um grupo de artistas, pensadores e organizadores comunitários, com o objetivo de partilhar diferentes vertentes da tecnologia, da arte e das cosmologias locais; estuda-se a forma como os conhecimentos tradicionais baseados na terra e as práticas ancestrais revelam as compreensões cosmológicas da tecnologia. Para tal, os participantes concentram-se na reorientação dos sistemas tecnológicos locais para a materialização do Pluriverso. O Pluriverso é um mundo de vários mundos no qual diversos futuros podem ser semeados, realidades multispécies podem ser cultivadas e uma pluralidade de saberes pode concretizar a conectividade entre os múltiplos sistemas mundiais que nos constituem.<sup>10</sup>

## Epistemologias alternativas

Com as suas origens nos «primeiros contactos»<sup>11</sup> entre África e o mundo ocidental, esta lógica de designação «evolutiva», centrada na atribuição de termos e valores a esses conceitos e objetos,

<sup>8</sup> Van Beurden, *Ibidem*

<sup>9</sup> Van Beurden, *Ibidem*

<sup>10</sup> Introdução ao texto de acompanhamento de Sara Garzón e Michael Dieminger para South-to-South: A Meeting on African and Afro diasporic Technologies no Centro de Arte Waza em Lubumbashi, p. 4 [<https://www.saragarzon.com/south-south-south-a-meeting-on-african-and-afro-diasporic-technologies-1>]

<sup>11</sup> Baseamos aqui a nossa argumentação nas explorações europeias a partir do século XV. No entanto, Sarah Garzon considera que: «Embora o termo “primeiro contacto” exista na antropologia, é um tanto problemático — sobretudo no contexto da

funciona sob os mecanismos da colonialidade e corrobora, em particular, a abordagem da «colonialidade do saber». Esta última, sendo um ramo da «colonialidade do poder»<sup>12</sup>, designa, portanto, as dimensões científicas ou aquelas relacionadas com conhecimentos exercidos ou utilizados na perspectiva da dominação ocidental, no contexto colonial. Sendo um ramo da colonialidade do poder, ela corrobora o facto de «hierarquizar os modos de produção de conhecimento, elevar a filosofia e a ciência ocidentais ao nível de paradigmas que tornam subalternos outros conhecimentos»<sup>13</sup>. Desenvolvida por Aníbal Quijano, esta noção trata, por outras palavras, da violência exercida pelo Ocidente sobre as culturas de outros espaços. Os não-ocidentais — ligados histórica e sistematicamente ao Ocidente, este último aqui percebido não como um local físico, mas sim como um centro de dominação do sistema capitalista planetário, em convivência com o racismo — funcionam como sujeitos da colonialidade do poder<sup>14</sup>.

Visivelmente, e somos tentados a dizer «naturalmente», a abordagem que procura atribuir, ou mesmo restituir ou dar a ver, os trunfos científicos e tecnológicos dos objetos e conceitos africanos acima mencionados insere-se num continuum: artefactos – obras de arte – objetos tecnológicos. Este vocabulário, bem como os seus significados, segue a linha traçada pela colonização com a institucionalização dos paradigmas e epistemologias ocidentais no nível superior da escala, como modelos a seguir. É preciso constatar, infelizmente, que, cientificamente, as validações seguem uma lógica apresentada como universal, destacando as categorias instituídas insidiosamente pela epistemologia ocidental. Ao ser colocada como referência e unidade de medida, esta epistemologia continua a ser o barómetro a utilizar para avaliar os valores a atribuir ao resto das práticas de outros cantos e culturas.

Entretanto, o ato de se esforçar por constatar ou provar uma certa cientificidade no que diz respeito a estes objetos e conceitos entra, paradoxalmente, nestes paradigmas. Uma armadilha. Mesmo as abordagens que «se reivindicam do afrocentrismo e das autênticas tradições africanas»<sup>15</sup> envolvem-se em processos de designação e atribuição de valores que, em última instância, se inscrevem na «ordem epistemológica ocidental»<sup>16</sup>. Designar, utilizando comparativamente e à primeira vista, a língua ocidental é uma ilusão, e essa busca de equivalência é um domínio e um caminho incontestável que se alimenta da colonialidade. Falar, por exemplo, das práticas da cosmogonia<sup>17</sup> ou dos «trunfos científicos» que abundam nas tabuinhas memoriais Luba, chamadas Lukasa<sup>18</sup> a utilização de materiais metodológicos, conceptuais e terminológicos ocidentais revela a abordagem de uma pesquisa que visa a elevação ou a ascensão ao nível «elevado» do mundo ocidental, através da busca de equivalências; o caso, por exemplo, da obra «*Filosofia Bantu*», escrita por Placide Frans Tempels, em 1945, que procurou aplicar o conceito de «filosofia» às concepções ontológicas locais africanas, diz muito sobre isso.

---

“África” e do “mundo ocidental”, pois a África é um continente imenso e as trocas comerciais e de conhecimento sempre existiram... Na África do Norte e no Mediterrâneo, durante muito tempo, não houve uma distinção clara entre a Europa e a África, e as rotas comerciais trans-saarianas existiam muito antes da invenção da colonização...» . Ver também, Sidney Littlefield Kasfir (2021), «Arte africana e autenticidade: um texto purgado das suas sombras» em Cédric Vincent (ed.), *Arte contemporânea africana, História(s) de um conceito pelas pessoas que o criaram*, Paris, Fundação Antoine Galbert e jrp-editions, pp. 54–89. O texto original foi publicado em *African Arts*, em 1992.

<sup>12</sup> Rachel Solomon Tsehaye et Henri Vieille-Grosjean, *op. cit.*, pp. 120-121

<sup>13</sup> *Ibidem*

<sup>14</sup> *Ibidem*

<sup>15</sup> Ver Valentin-Yves Mudimbe, *L'invention de l'Afrique. Gnose, philosophie et ordre de la connaissance*, [Mamadou Diouf ; Laurent Vannini ; *The invention of Africa*], Paris, Présence Africaine, 2021 (1988), p. 8.

<sup>16</sup> *Ibidem*

<sup>17</sup> Ver Marcel Griaule, *Dieu d'eau*, citado por Mudimbe, *ibidem*, pp. 318-319.

<sup>18</sup> .voir <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/690570>



Fig. 2. Diane Cescutti, na palestra «Fibril and vivid memory: From hard to soft connectivity» no ISAM (Institut Supérieur des Arts et de Métiers); evento organizado em colaboração com o Centro de Arte Waza (Lubumbashi) e o Humboldt Forum (Berlim); foto: Nathan Bushiru ©South to South;

Para escapar a este domínio, é necessária uma atenção muito especial na utilização e exploração de alguns destes materiais, uma abordagem crucial para nos libertarmos da agenda colonial enraizada nas ciências humanas (antropologia, etnologia, história, etc.). Seria, portanto, necessário descolonizar a linguagem a utilizar, despojando-a do seu conteúdo criticado; é assim que «o apelo a uma ampliação urgente dos conhecimentos e compreensões das tecnologias para um mundo mais do que humano, em ligação com as tecnologias que vão além dos quadros capitalista, neoliberal e neocolonial da extração de conhecimentos, recursos ou controlo dos sistemas contra humanos e não-humanos»,<sup>19</sup> poderia livrar-se desses fardos que há muito assombram as ciências humanas.

Por outras palavras, seria necessário distanciar-se das validações que têm em conta categorias impostas pelo olhar ocidental centrado nas ciências. Estes modos de conhecimento impõem-se, infelizmente, como referências e, quando necessário, definem em que medida e de que forma os materiais culturais devem ser compreendidos. Esta abordagem opressiva e violenta, nas definições das coisas, poderia ser atenuada ou aproveitada numa lógica de pluriversalidade, se fossem propostas epistemologias alternativas. Estas últimas deveriam, portanto, ser específicas e livres das validações ocidentais unidirecionais. Seria, portanto, necessário, para além das perspetivas antropológicas devidamente tendenciosas, extrair, explorar e valorizar, nas culturas locais, os verdadeiros significados dos materiais culturais hoje designados como objeto de arte, obra de arte, materiais etnográficos e museográficos; abrir outras possibilidades de definições e perspetivas a partir, por exemplo, das línguas locais, dos usos e costumes, bem como das abordagens ontológicas a eles referentes. Os conhecimentos e detalhes originais relativos a estas questões, até então postos de lado pela ciência ocidental, devem ser reaproveitados e considerados sobretudo nas suas denominações e aplicações originais. Da mesma forma, noções como: ciência, tecnologia, etc., devem ser alargadas ou mesmo compreendidas numa lógica contextual.

*Jean Kamba, Kinshasa, 2025*

<sup>19</sup> Sara Garzón et Michael Dieminger, *op.cit*, p.3.